

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ
CURSO DE PEDAGOGIA

ÁUREA MÁRCIA AGUIAR DA SILVA

**MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU EM CODÓ/MA:
SABERES ANCESTRAIS DE RESISTÊNCIA**



CODÓ
2025

ÁUREA MÁRCIA AGUIAR DA SILVA

**MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU EM CODÓ/MA:
SABERES ANCESTRAIS DE RESISTÊNCIA**

Monografia elaborada para o Curso de
Pedagogia Licenciatura Plena da
Universidade Federal do Maranhão/UFMA
para obtenção do grau de licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Kelly Almeida de
Oliveira

CODÓ
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Aguiar da Silva, Áurea Márcia.

MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU EM CODÓ/MA :
SABERES ANCESTRAIS DE RESISTÊNCIA / Áurea Márcia Aguiar da
Silva. - 2025.

59 p.

Orientador(a): Kelly Almeida de Oliveira.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2025.

1. Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu. 2. Saberes
Ancestrais. 3. Resistência. 4. Codó/ma. I. Almeida de
Oliveira, Kelly. II. Título.

ÁUREA MÁRCIA AGUIAR DA SILVA

ÁUREA MÁRCIA AGUIAR DA SILVA

**MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU EM CODÓ/MA:
SABERES ANCESTRAIS DE RESISTÊNCIA**

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó, como requisito para a obtenção de grau de licenciatura em Pedagogia.

BANCA AVALIADORA

Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira (UFMA)
Orientadora

Maria de Sousa dos Santos
Quebradeira de coco

Profa. Dra. Maria de Fátima Sousa Silva (UFMA)
1ª Avaliadora

Prof. Dr. João Rudá (UFMA)
2ª Avaliador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que me fez chegar até aqui, que me permitiu ter a dádiva, que é a vida. Por me dar o privilégio de conhecer pessoas maravilhosas e que foram indispensáveis para que eu trilhasse esta jornada.

Agradeço a minha Mãe Maria de Nazaré (*in memoriam*), que sempre me incentivou a estudar e não desistir. Por me ensinar a ser forte, persistir em busca do meu curso superior. Por me ensinar a resistir sempre e, de cabeça erguida. Serei eternamente grata por tudo que a senhora fez por mim. A parte mais difícil e dolorosa será não poder ganhar um abraço seu, depois da apresentação deste trabalho.

Agradeço ao meu esposo Marcos Antonio por sempre estar ao meu lado, pelo apoio, companheirismo e incentivo durante toda a minha caminhada acadêmica. És meu amigo que, nos momentos difíceis, nunca soltou minha mão.

Aos meus filhos Felipe Gabriel, Antonio Gael e Maria Gabriele, que são meu porto seguro e fonte de força. Graças a eles, encontrei coragem e persistência para não desistir.

Agradeço de forma bem especial, a minha Orientadora, a professora Doutora Kelly Almeida de Oliveira, por ser uma pessoa maravilhosa, por todo o seu apoio, por todo o entusiasmo que sempre teve com a minha pesquisa, mas principalmente pela paciência que sempre teve comigo, por sua orientação humanizada. Eu não poderia ter uma orientadora melhor.

Ao meu querido, Professor Doutor Dilmar Kistemacher, por todo o apoio, pelas palavras de incentivo que sempre destinou a mim, pelo acolhimento, pois muitas vezes eu estava triste, sem forças, desesperançosa, mas seu abraço carinhoso e suas palavras curavam a minha alma e davam leveza ao meu coração. És um profissional maravilhoso, foi um privilégio ter tido a oportunidade de ser sua aluna.

Um agradecimento também ao professor Doutor João Rudá, por ter sido um profissional maravilhoso, que acolhe e incentiva. Ele chegou recentemente ao curso de Pedagogia na UFMA campus Codó, mas o curso de Pedagogia nunca mais será o mesmo, pois ele veio para fazer a diferença e, de forma positiva.

Agradeço ao professor Doutor Aziel Alves de Arruda, por todo o apoio e incentivo. No PIBID, ele me mostrou na prática o que é ser docente. Levarei comigo os seus ensinamentos por toda a minha vida.

Ao professor Doutor Joelson de Sousa Moraes, por me mostrar que as narrativas, memórias e narrativas autobiográficas são importantes. Que as histórias de vida importam, pelas trocas e momentos de alegrias na sala de aula, pois muitas vezes a sua risada contagiante, e sua forma leve de ver a vida, me faziam encarar essa jornada com mais leveza.

À professora Doutora Maria do Carmo (UFMA/São Luís) por aceitar fazer parte da banca.

As minhas amigas Ilma, Ana Lina, Maria do Socorro, Raimunda e Katiana (minha prima) que a UFMA me deu, pois no 7º período descobrimos que somos parentes. Aos meus amigos: José Ariosvaldo e Werique, pela amizade, companheirismo e por terem tornado os meus dias na UFMA mais alegres e divertidos.

Um agradecimento especial às Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu: a Sra. Elci, Sra. Natalina, Sra. Joselita, Sra. Flávia e Sra. Maria, por terem aceitado fazer parte da pesquisa. Agradeço por todas as informações que me repassaram.

À minha sogra Maria Áurea, por ser minha rede de apoio, cuidando dos meus filhos quando precisei viajar para eventos e congressos, e nas minhas idas semanais ao PIBID. Pelo acolhimento nos momentos em que mais precisei.

Às amigas e comadres Jenilde, Patrícia, Maíza e Roseane, por cada palavra de apoio e incentivo. Pelo ombro amigo e por muitas vezes enxugarem as minhas lágrimas. Por me fazerem acreditar que eu seria capaz de conseguir concluir meu TCC e meu curso.

Enfim, agradeço a todos(as), que de alguma forma contribuíram com a minha pesquisa. Sou eternamente grata.

Com profunda gratidão, à memória da minha querida mãe, Maria de Nazaré Santos Aguiar. Agradeço pelos ensinamentos, cuidados incansáveis e amor imenso que sempre me dedicou. Sua presença permanece viva em mim, e o meu amor por você, mãe eterno.

À memória do meu pai, Antonio Gomes da Si
presença carrego com respeito e saudade.

“Quebradeira de Coco

É babaçu ê, iá

A dor é um coco ruim de quebrar

A dor é um coco ruim de quebrar

Lá no meu interior

Tem uma coisa que não tem nome

Lá no meu interior

Tem uma coisa que não tem nome

Quando eu dou nome à coisa

A coisa some

Menino que coisa é essa?

Ele me respondeu: “É fome!”

Quebradeira de Coco é babaçu ê, iá

A dor é um coco ruim de quebrar

A dor é um coco ruim de quebrar...”

(Mariene de Castro – Música: Quebradeira de Coco)

RESUMO

Os saberes ancestrais e as práticas socioculturais de mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu funcionam como mecanismos de resistência perante as opressões sociais, políticas e econômicas que enfrentam nos territórios onde vivem. Assim, esse estudo tematiza a vida e o cotidiano de Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu, na cidade de Codó/MA. Trazemos como questão de pesquisa: como os saberes ancestrais de mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu se configuram como práticas de resistência em seus territórios? Diante desse contexto, tem-se os seguintes objetivos: de modo geral, compreender os saberes ancestrais das mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu como práticas de resistência em seus territórios e suas práticas de luta e resistência frente aos desafios contemporâneos como o agronegócio e a exploração predatória. De modo específico, investigar o compartilhamento de saberes tradicionais entre as gerações de mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu; descrever os impactos do agronegócio e, de outras formas de exploração econômica sobre os territórios ocupados pelas Quebradeiras de Coco Babaçu; discutir as interseções entre gênero, etnicidade, educação e território na construção das (re)existências das QCB. Para subsidiar as discussões da pesquisa, utilizamos como intercessores teóricos os estudos de Oliveira (2023), Gonzalez (2020), Brandão (2024), Akotirene (2019) e Adichie (2019). A pesquisa é de cunho qualitativo, em que recorremos a um estudo bibliográfico e de campo. Como procedimentos de coleta de dados temos entrevistas, fotos, imagens e de análise de dados. Cabe mencionar que a pesquisa aconteceu na cidade de Codó/MA, especialmente nas áreas campestinas, tendo como público-alvo as mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu. Os resultados demonstraram para a sociedade a importância delas, para a comunidade onde atuam e contribuíram para que essas mulheres possam ser mais visibilizadas, respeitadas e valorizadas. Assim, a prática das quebradeiras de coco transcende a subsistência: ela representa uma ação política contínua de defesa da vida, da cultura e dos territórios tradicionais frente às múltiplas formas de opressão e apagamento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres quebradeiras de coco babaçu; saberes ancestrais; resistência; Codó/ma.

ABSTRACT

The ancestral knowledge and sociocultural practices of women who break the babassu coconut serve as mechanisms of resistance against the social, political, and economic oppression they face in the territories where they live. Thus, this study addresses the lives and daily lives of women who break the babassu coconut in the city of Codó/MA. Our research question is: how do the ancestral knowledge of women who break the babassu coconut configure themselves as practices of resistance in their territories? Given this context, the following objectives are set: in general, to understand the ancestral knowledge of women who break the babassu coconut as practices of resistance in their territories and their practices of struggle and resistance in the face of contemporary challenges such as agribusiness and predatory exploitation. Specifically, to investigate the sharing of traditional knowledge among generations of women who break the babassu coconut; to describe the impacts of agribusiness and other forms of economic exploitation on the territories occupied by the women who break the babassu coconut; discuss the intersections between gender, ethnicity, education and territory in the construction of the (re)existences of QCB. To support the research discussions, we used as theoretical intercessors the studies of Oliveira (2023), Gonzalez (2020), Brandão (2024), Akotirene (2019) and Adichie (2019). The research is of a qualitative nature, in which we resorted to a bibliographic and field study. As data collection procedures we have interviews, photos, images and data analysis. It is worth mentioning that the research took place in the city of Codó/MA, especially in the rural areas, with the target audience being women Babaçu Coconut Breakers. The results demonstrated to society their importance, for the community where they work, and contributed to these women being more visible, respected and valued. Thus, the practice of coconut breakers transcends subsistence: it represents an ongoing political action to defend life, culture and traditional territories against multiple forms of oppression and historical erasure.

KEYWORDS: Women babassu coconut breakers; Ancestral Knowledge; Resistance; Codo/MA.

SUMÁRIO

1	MEMÓRIAS DE RESISTÊNCIA: INICIANDO UM DIÁLOGO	12
1.1	RECORDAR A MEMÓRIA, PARA ETERNIZAR NA HISTÓRIA	15
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
3	HISTÓRICO DAS QCB E O MOVIMENTO INTERESTADUAL DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU (MIQCB)	27
3.1	A IMPORTÂNCIA DA LEI DO BABAÇU LIVRE PARA AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU	29
4	MEMÓRIAS DA RESISTÊNCIA	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	52
	APÊNDICES	54

1 MEMÓRIAS DE RESISTÊNCIA: INICIANDO UM DIÁLOGO

O presente texto é fruto de uma pesquisa voltada à compreensão das práticas e saberes das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu, um grupo cujas vivências e resistências são profundamente significativas. Essa temática está intimamente ligada a minha história pessoal, uma vez que sou neta e filha de Quebradeiras de Coco Babaçu. Cresci acompanhando a rotina dessas mulheres, que fazem do coco babaçu não apenas uma fonte de sustento, mas também uma expressão de resistência cultural, social e econômica. Minhas cunhadas, primas, sobrinhas e comadres, entre outras mulheres da família, lidam diariamente com essa atividade, contribuindo significativamente para a renda e o sustento de suas famílias.

Em visitas realizadas a comunidades de Quebradeiras de coco babaçu, aprendi a valorizar seus saberes tradicionais e ancestrais. Compreendi que essas mulheres são guardiãs de práticas sustentáveis e de uma organização coletiva que desafia as desigualdades sociais e econômicas que enfrentam diariamente. Suas histórias são marcadas por luta, resistência e uma profunda relação com a terra, especialmente nas regiões do Norte e Nordeste do Brasil, como os estados do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins.

As Quebradeiras de coco babaçu transmitem seus saberes de geração em geração, fortalecendo identidades culturais e formas de organização política em defesa de seus territórios. Essas práticas são fundamentais para a preservação ambiental e para a manutenção de uma economia de subsistência que desafia o avanço do agronegócio e a exploração predatória dos recursos naturais. No entanto, suas contribuições são muitas vezes invisibilizadas, evidenciando a necessidade de mais estudos que lhes potencializem a voz e reconhecimento.

Foi durante o curso de Pedagogia, sob a orientação da Professora Doutora Kelly Almeida de Oliveira, que percebi a relevância acadêmica e social dessa temática. A professora, ao compartilhar objetos e experiências relacionadas às Quebradeiras de coco, despertou em mim a consciência de que essas mulheres são portadoras de saberes que precisam ser ouvidos, estudados e valorizados. Descobri, assim, a beleza e a importância desse movimento social, bem como a possibilidade de explorar, por meio da educação, novos horizontes para essas mulheres e suas famílias.

A educação tem o potencial de transformar as vidas das Quebradeiras de coco babaçu, permitindo que reconheçam seus direitos e ampliem suas possibilidades. Como pedagoga, pretendo contribuir para que essas mulheres e meninas enxerguem novas perspectivas, além do trabalho manual e do papel tradicional que lhes é atribuído. A educação pode formá-las para enfrentar os desafios impostos pelas desigualdades sociais, empoderando-as para que lutem por seus direitos e se libertem de opressões históricas.

Para isso, temos como fio condutor desta pesquisa, a questão norteadora¹ Como os saberes ancestrais de mulheres quebradeiras de coco babaçu se configuram como práticas de resistência em seus territórios? Dessa forma, para responder a esta questão de pesquisa, elaboramos o objetivo geral desta pesquisa que é compreender os saberes ancestrais das mulheres Quebradeiras de coco babaçu como práticas de resistência em seus territórios. Com isso, busca-se compreender as dinâmicas que envolvem a preservação de seus conhecimentos tradicionais e os modos como essas mulheres enfrentam as adversidades em seus territórios. Entre os objetivos específicos, destacamos a investigação sobre o compartilhamento dos saberes tradicionais entre as gerações de mulheres Quebradeiras de coco babaçu, evidenciando os mecanismos culturais e sociais que garantem a continuidade de práticas essenciais para suas comunidades. Além disso, pretendemos descrever os impactos do agronegócio e de outras formas de exploração econômica sobre os territórios ocupados por essas mulheres, analisando as transformações impostas a suas condições de vida e as suas relações com o meio ambiente. Também será discutida as interseções entre gênero, etnicidade, educação e território, buscando compreender como esses elementos (re)criam as identidades e fortalecem o papel das Quebradeiras de coco babaçu em sua luta cotidiana.

O que orienta este estudo é que os saberes ancestrais e as práticas das mulheres Quebradeiras de coco babaçu funcionam como mecanismos de resistência frente às opressões sociais, políticas e econômicas que enfrentam nos territórios onde vivem. Assim, a justificativa para esta pesquisa encontra-se na importância de compreender as formas de resistência protagonizadas por essas mulheres, que são peças-chave na preservação de saberes culturais e socioambientais. Além de

¹ Como opção teórico-metodológico, trazemos nos referendamos em uma perspectiva decolonial desde o Sul Global, considerando outras ontologias e epistemologias.

contribuírem para a economia de subsistência, as Quebradeiras de coco babaçu desempenham papéis de liderança em suas comunidades, lutando por direitos territoriais e de gênero. Este estudo pretende dar visibilidade às suas práticas, reforçando sua relevância no âmbito das políticas de preservação ambiental, desenvolvimento sustentável e justiça social.

Ao longo desta pesquisa, esperamos contribuir para o reconhecimento e a valorização das Quebradeiras de coco babaçu, destacando seu protagonismo histórico e suas estratégias de resistência frente aos desafios que enfrentam no dia a dia. Assim, buscamos não apenas compreender sua realidade, mas também fortalecer sua luta e promover sua inserção nos debates sobre direitos e sustentabilidade.

Assim, para subsidiar as discussões da pesquisa, utilizamos como intercessores teóricos os estudos de Oliveira (2023), Gonzalez (2020), Brandão (2024), Akotirene (2019) e Adichie (2019). Nos entrelaces com o referencial teórico e escolhido e na estrutura do texto, costuramos histórias de vida de algumas Quebradeiras de coco, canções e poemas a fim de compreender suas (re) existências, trazendo-as para o centro das discussões, potencializando suas vozes, saberes e práticas socioculturais. Com isso, queremos inventar outras formas de fazer pesquisa que nos auxiliem a pensar outras pedagogias possíveis com as Quebradeiras de coco babaçu.

Por isso, na subseção seguinte intitulada “Memórias da resistência: iniciando um diálogo”, compomos a narrativa sobre a história de vida de uma Quebradeira de coco (QCB), que sempre lutou para criar seus filhos, quebrando coco, minha mãe (*in memoriam*). Muitas vezes saía de Codó logo nas primeiras horas da madrugada, para ir quebrar coco no KM 17 a pé, e dava graças a Deus quando no final da tarde, conseguiu uma carona para vim embora num caminhão ou numa caçamba. Passou por muitos perigos, mas com filhos pequenos para sustentar, o medo e a insegurança não podiam pará-la, pois seus filhos precisavam comer e a fome não esperava. Dessa forma, ela ia quebrar o coco, para quando chegasse à tardinha, vender, para que à noite, as “suas crias” tivessem pelo menos arroz e feijão para jantar.

1.1 RECORDAR A MEMÓRIA, PARA ETERNIZAR NA HISTÓRIA

Esta subseção tem por objetivo narrar as histórias de vida de uma mulher negra, filha, tia, esposa, mãe, sogra, avó, Quebradeira de Coco Babaçu, filha de santo, amiga e solidária, a senhora Maria de Nazaré Santos Aguiar (14 de fevereiro de 1952 -14 de junho de 2021).

Ao narrar sobre as experiências, vivências desta MULHER QCB, pretendo dar visibilidade a sua história de vida, preservando sua identidade e fazendo com que suas memórias permaneçam, pois trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida (Josso, 2007). Nesse sentido, ao trabalhar as narrativas acessamos muitas lembranças boas guardadas sobre ela, sobre sua vida. Com isso, seus netos, bisnetos, tetranetos e sobrinhos (as) tenham-na presente em suas vidas, em suas mentes e corações, eternizando-a.

Desse modo, este trabalho resulta da necessidade, que eu tinha/tenho em buscar uma forma de manter viva”, a senhora Maria de Nazaré, pois a mesma partiu rápido, nos deixou de forma avassaladora, sem dizer adeus, sem nos despedirmos e, se foi...em junho de 2021. Estávamos sobrevivendo à pandemia do Covid-19, acontecimento triste, doloroso, e cruel, principalmente, pelo fato de que o governo Bolsonaro, foi desumano, para com os familiares que estavam perdendo seus entes queridos. A todo momento se fazia omissos quanto a isso, incentivando até mesmo as pessoas a duvidarem da pandemia, da Ciência, debochando das pessoas que estavam infectadas com a doença naquela época. Foi um período de tristeza, luto e sofrimento para milhares de famílias brasileiras.

Figura 1 - Maria de Nazaré Santos Aguiar (*in memoriam*)



Fonte: acervo pessoal da autora, 2025.

Filha de Maria José dos Santos Aguiar e Francisco Denério de Aguiar, a sexta dos oito filhos. Maria de Nazaré Santos Aguiar (mais popularmente conhecida como “Maria Denera”), nasceu no povoado Lagoa do Cazuza no ano de 1952 e faleceu no dia 14 de junho de 2021, na cidade de Codó/MA. Ela teve uma vida bem simples, pois estava inserida entre milhares de famílias que, naquela época, viviam em situações de vulnerabilidades sociais, enfrentando todas as situações adversas. Precisou se reinventar diversas vezes para enfrentar e superar os obstáculos que surgiam no decorrer de sua vida.

Ao longo de sua trajetória de vida, ela sempre nos motivou com palavras e ações. Mesmo sendo analfabeta, sempre me incentivou a ir em busca “de um diploma”, pois para ela o estudo era “o principal” e necessário na vida das pessoas. Dona Maria de Nazaré, não estudou porque não teve oportunidade, nasceu em uma época muito difícil, onde a maioria das famílias que residiam em áreas rurais de difícil acesso não tinham condições de manterem os filhos na escola.

Aos sete anos de idade já sabia quebrar coco babaçu, para ajudar no sustento de casa, pois o pai morreu cedo e todos tinham que trabalhar, seja na roça ou na quebra do coco. Casou-se com 16 anos de idade, porque viu no esposo e no casamento a chance de sair daquela “vida sofrida” (assim ela nos dizia), mas enganou-se. O sofrimento só aumentou, pois com o casamento vieram os filhos e a cada dia que passava as dificuldades só aumentavam. Contudo, nunca foi mulher de desistir, teve sete filhos (as) biológicos e uma por adoção. Aos 36 anos, seu primeiro

companheiro decepou o seu braço esquerdo com uma foice, deixando-a entre a vida e morte, como conta sua irmã mais velha:

no dia do ocorrido, a cumadi Maria tava pro mato quebrando coco com outras mulheres, que quando ela chegou do mato, o marido pediu um dinheiro pra comprar cigarro, quando ela entrou pro quarto ele pegou uma roçadeira/foice e agrediu ela, cortou ela no braço...quando cheguei do mato, coloquei o cofo de coco no chão e fui na casa dela encontrei a criança chorando, me falou que o pai dela tinha cortado o braço da mãe, onde um filho e uma sobrinha em uma luta corporal tomaram a foice e escondeu, nessa hora não tinha nenhum outro home em casa, todos estavam pra roça...eu corri para pedir socorro, quando eles chegaram o agressor já tinha fugido. Então cuidaram de levar ela para a beira da estrada para pegar um transporte para trazer para Codó, no Sesp (hoje Hospital Geral Municipal-HGM).

Dona Maria Denera também nos contava, que este acontecimento, de todos os sofrimentos que já passara, foi o mais terrível, o pior, principalmente porque seus filhos (as) ficaram amedrontados, revoltados e abalados psicologicamente. Sobre esse sofrimento, temos o seguinte relato de uma de suas irmãs:

isso aconteceu por volta das 2 horas da tarde, mas o transporte só apareceu mais de 9 horas da noite e só chegou em Codó pela manhã. Sofreu por mais de dois anos com um braço amputado que não sarava, até o dia que Dr. Anselmo resolveu operar ela novamente e só assim o “pedaço do braço” sarou.

Com isso, logo vieram ao seu corpo, vários tipos de doenças; às vezes, ela nos dizia com um “ar de tristeza”, que depois que ficou sem seu braço, nunca mais soube o que foi ter saúde. Dona Maria sempre foi uma mulher de fé, que rezava sempre ao acordar todos os dias e a noite antes de dormir. Tinha São Francisco como santo de devoção, gostava de ir à Canindé/Ceará e a Juazeiro do Norte para o festejo de “meu padim pade Ciçu Romão”. Ah isso ela não perdia, foi até quando sua saúde permitiu, e o Sagrado Coração de Maria também. Por isso, festejava todo mês de maio. Ela realizou este feito por mais de trinta anos, como pagamento de uma promessa que fizera, para que seu braço sarasse e que ela parasse de sentir dores no braço.

No entanto, mesmo com todos os obstáculos que a vida impôs, esta mulher era forte, às vezes sorridente e brincalhona, por mais que a vida lhe fosse difícil. Ela nunca desistia de nada, se tinha uma palavra que não cabia no vocabulário dela era: desistir. Ela sempre resistiu a tudo e a todos, firme, FORTE, sempre foi uma GUERREIRA (assim o médico da UTI, a descreveu, para nós, nos últimos dias de sua vida).

“De todo o amor que eu tenho
Metade foi tu que me deu
Salvando Minh’ alma da vida
Sorrindo e fazendo meu eu.
Se queres partir ir embora
Me olha da onde estiver
Que eu vou mostrar que eu tô pronta
Me colha madura no pé.
Salve, salve essa nêga
Que axé ela tem
Te carrego no colo e dou minha mão
Minha vida depende só do te encanto
Cila pode ir tranquila
Teu rebanho tá pronto
Teu olhar que brilha e não pára
Tuas mãos de fazer tudo e até
A vida que chamo de minha
Neguinha te encontro na Fé
Me mostre um caminho agora
Um jeito de estar sem você
O apego não quer ir embora
Diexo, ele tem que querer
Ó meu Pai do céu, limpe tudo aí
Vai chegar a Rainha precisando dormir
Quando ela chegar tu me faça um favor
Dê um banto a Ela, que Ela me benze aonde eu for
O fardo pesado que levas
Deságua na força que tens
Teu lar é no reino divino
Limpinho cheirando alecrim.

(Música: dona Cila, Maria Gadú)

Mesmo depois de sua partida inesperada, ela continua junto de nós. A vida dela está entrelaçada as nossas vidas e das futuras gerações (que também são dela). Por isso, aproveito aqui o meu espaço (o da universidade), para narrar os ensinamentos que “Dona Denera” nos deu, nos ensinou e nos deixou. Convivemos e vivemos com ela tempos maravilhosos, também tiveram alguns turbulentos (como a enchente de 2009, as doenças e perdas de entes queridos).

Nossas lembranças, são como água que jorra no rio, são cada risada, comida, trajes, músicas, cada coisa ou acontecimento nos faz lembrar dela, de quem foi e ainda é para nós. Guardamos na memória tudo o que vivemos juntos (as), todos os sofrimentos e alegrias que tivemos ao longo de nossa trajetória ao seu lado, Dona Maria. Seus ensinamentos e sua força de vontade nos deixam um aprendizado que nos inspiram diante das dificuldades que surgem no decorrer de nossas vidas, nos ajudando a compreender e lidar com situações diversas.

Josso (2007) nos mostra que as narrações enriquecem nosso repertório de “pessoas comuns”, permitindo-nos ter uma consciência do si, tanto no âmbito individual, quanto no coletivo mais sutil. Assim sendo, é necessário narrar, escrever sobre esta mulher, sobre esta história de vida, carregada de experiências, repletas de amor, carinho, acolhimento, afeto e gratidão, mas também de superação. E é justamente por isso que estou escrevendo, para mostrar o quanto ela sempre me amparou e incentivou a estudar e não desistir.

Passeggi (2021) nos cita o quão é imenso o poder transformador de narrar. Ao narrarmos, temos a possibilidade de dar sentido ao que antes não existia. Assim, estou contribuindo para que as narrativas de vida de Dona Denera não caíam no esquecimento, não morram. Para isso, estou usando minhas memórias, para que as experiências e ensinamentos desta Mulher QCB tão importante em nossas vidas, se torne inesquecível para as futuras gerações. Como cita Passeggi (2021), que através das narrativas, podemos transformar as experiências vividas em conhecimento. Então, como Dona Denera era muito sábia, agora, estou recorrendo às lembranças do passado, para registrar no presente, o quanto ela foi e continua sendo importante para mim. Assim, enquanto pesquisadora iniciante que sou, não posso deixar que seus ensinamentos, todos os conhecimentos, e lições que ela compartilhou, se percam com o passar dos tempos.

Sempre fico emocionada quando lembro de você minha Mãe. É com lágrimas nos olhos que escrevo cada linha deste trabalho acadêmico. As lembranças, essas vêm e vão como ondas, a vida acaba um dia, mas as lembranças ficam. Mergulhar no fundo das memórias, por vezes é doloroso, é triste, principalmente, quando a saudade aperta e já não se tem mais aquela pessoa tão amada e querida ao nosso meio. O peito dói, chega a rasgar de dor, o coração parece que sangra, um nó na garganta que entala, o ar não sai... assim é a saudade, ela maltrata também. Porém, esta mesma saudade nos faz agir, nos faz escrever, para que as “memórias vivam”. A dor da ausência, a dor da perda nos fez perceber, que somos “pequenos de mais” diante dessa imensidão que é a vida. Somos indefesos até.

As práticas narrativas de vida, não podem ser refletidas e interpretadas apenas por um viés cognitivo, acadêmico e científico, e sim, por múltiplos olhares e atravessamentos que deslocam o sujeito e que emergem no narrado. Por isso, faz todo o sentido pensar na complexidade, pois é ela que dá elementos para pensar o sujeito que narra como uma pessoa que sente, pensa, conhece, aprende e se transforma pelo narrar (Morais, 2023, p. 40).

No entanto, acredito que para dona Maria (minha Mãezinha querida) viver e sobreviver em meio às diversas dificuldades que a vida a impôs, nesta sociedade injusta, machista e sexista, para a vida de uma mulher, principalmente para uma mulher preta, a tornou cada vez mais forte, porque ela existiu, insistiu e resistiu sempre com muita garra e sabedoria. Algumas vezes, também chamavam-na de teimosa, pois quando diziam que ela não conseguiria fazer algo, ela ia lá “teimava” e fazia dar certo. No final, ela nos mostrava que não bastava ter coragem, mas precisamos ter atitude. Quando queríamos desistir da Universidade, por exemplo, por estarmos sobrecarregados, seja pela carga horária de serviço exaustiva, ou outros problemas pessoais ou doenças, ela nos dizia: “não desista, continue, estude para ter o seu “diploma”, estudar é preciso, não desanime, vai lá, que tu consegue”. Assim, nós conseguimos. Ela nos dizia, que a “vida” é dura, mas pra quem não estuda, é ainda pior, então se a vida é difícil, por meio da educação, ela nos fazia perceber, que podemos mudar nosso destino, que nossas vidas poderiam ser “mais leve”.

A morte é coisa constante, é algo certo na vida, mas a verdade é que nunca estamos preparados para tal, pois ela chega devastando tudo, levando embora quem amamos, quem queremos por perto sempre. A morte chega depressa, sem avisar e arranca de nós, mães, pais, amores, amizades, avós, avôs, enfim, nos leva sempre

algo bom de nós, que estava entre nós. Em muitos casos, leva a “fortaleza”, a peça principal de uma família, a “rocha e o alicerce” de uma casa/família inteira; assim aconteceu conosco. Perdemos nossa matriarca, nossa voz, nossa raiz. Ficamos totalmente perdidos sem sua presença, sem seus conselhos. Há exatamente 3 anos e 11 meses, ainda não estou acostumada com a sua ausência, sinto sua falta todos os dias, sua ausência se tornou presença constante em nossas vidas. Desde que tudo aconteceu, nossas vidas também nunca mais foram as mesmas. Tudo mudou, rotinas, sentimentos, atitudes, o cotidiano de cada integrante de nossa família mudou, sentimentos também mudaram drasticamente.

Em suma, como nos ensina Moraes (2023), precisamos adentrar mais no campo da narrativização, temos que narrar práticas do cotidiano, da educação, da vida, enfim, de tudo; pois esta ação nos permite fazer, possibilita desenvolver e valorizar histórias de vida e narrativas, que muitas vezes se passavam “despercebidas”. Assim este escritor/pesquisador nos propõe:

Que façamos da vida, educação, formação e do narrar as experiências do vivido como um convite a todos/as, bem como incitar provocações reflexivas à construção de outros mundos possíveis na complexidade de ser, pensar, viver, ensinar, aprender e educar de variadas e tantas formas e possibilidades, pela narração, como deleite, aprendizagem e emoção! (Moraes, 2023, p.45).

Portanto, ressalto aqui que, dada a importância e grandeza desta MULHER QCB, reiteramos que ficou enraizado em mim, sem sombra de dúvida, o valor que ela dava à educação. Na educação, esta senhora via o futuro, ensinava que “sem estudo não seríamos nada” e “nem respeitados” pela sociedade.

Maria, Maria, é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca possui
A estranha mania de ter fé na vida...

(Milton Nascimento, Música: Maria, Maria, 1978)

À dona Maria de Nazaré Santos Aguiar (ou seja, Dona Denera) minha gratidão e respeito! Com toda honra, garra, luz e confiança, irei me esforçar sempre e trabalhar para que seu legado jamais seja apagado ou esquecido. Por isso, desejamos que a forma que abordamos esse assunto venha possibilitar que as pessoas que acessarem esse material se envolvam emocionalmente com as histórias aqui narradas e absorvam a mensagem de maneira mais significativa, pois se trata de uma história real, que teve como protagonista uma Mulher QCB, cuja sua origem e raízes nos mostram a importância de nossa ancestralidade.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é de natureza qualitativa, com base em estudo bibliográfico e de campo, com entrevistas semiestruturadas, adotando uma abordagem de inspiração etnográfica para entender os processos sociais e culturais envolvidos na vida das mulheres quebradeiras de coco babaçu. Segundo Ludke e André (1986, p. 13), a pesquisa qualitativa envolve a “obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. Para Minayo (2000, p. 21-22), a pesquisa qualitativa se preocupa “com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”.

A pesquisa foi desenvolvida em diferentes etapas:

- **Etapa 1:** Levantamento bibliográfico para embasamento teórico sobre feminismo rural, ecofeminismo, luta por direitos territoriais e resistência socioambiental.
- **Etapa 2:** Definição e delimitação do campo de estudo, que incluiu as comunidades campestres.
- **Etapa 3:** Realização do trabalho de campo, com observação participante, entrevistas e registro das práticas cotidianas.
- **Etapa 4:** Transcrição e organização dos dados coletados.
- **Etapa 5:** Análise e interpretação dos dados com base no referencial teórico.
- **Etapa 6:** Redação do relatório final da pesquisa.

O método adotado é o estudo de campo com abordagem de inspiração etnográfica, que possibilita compreender, por meio da convivência direta com as participantes, os saberes, práticas e formas de organização das Quebradeiras de coco babaçu. Essa abordagem permitiu captar o universo simbólico e prático que estrutura o cotidiano dessas mulheres, observando suas práticas de manejo do babaçu e suas estratégias de resistência.

Esta pesquisa foi realizada nas comunidades: Lagoa de Sales, Monte Cristo, Belém e Povoado Saco, no município de Codó/MA, durante os meses de outubro de 2024 a março de 2025 com cinco Quebradeiras de coco babaçu.

As técnicas empregadas foram: observação participante, com o acompanhamento de eventos, reuniões e atividades coletivas das Quebradeiras de coco, sempre com respeito à dinâmica social e cultural das comunidades; e, entrevistas semiestruturadas com lideranças e participantes do movimento das Quebradeiras de coco babaçu, permitindo o aprofundamento das narrativas sobre saberes tradicionais e práticas de resistência.

Os instrumentos utilizados incluíram:

- Fichas de observação, para registro sistemático de práticas e eventos observados no campo.
- Diário de campo, para anotações reflexivas e descritivas sobre o processo da pesquisa.
- Roteiros de entrevista semiestruturada, elaborados para orientar a coleta de depoimentos.
- Gravações de áudio das entrevistas (quando possível), para posterior transcrição e análise.

Para a realização da análise de dados, desenvolvemos uma análise qualitativa e interpretativa das descrições realizadas, que possibilitou a identificação de categorias e subcategorias a partir das transcrições das entrevistas, registros das observações e anotações do diário de campo. Assim, nos inspiramos na Análise Textual Discursiva (ATD), pois este tipo de análise é a que melhor interpreta e nos auxilia nessa tarefa, ainda que não tenhamos conseguido segui-lo integralmente.

Dessa forma, selecionamos os estudos de Moraes e Galiazzi (2016), já que eles nos trazem contribuições relevantes sobre este tipo de procedimento de análise. Na perspectiva desses autores (as), a análise textual discursiva pode oferecer muitas contribuições relevantes para a nossa pesquisa. Para eles/as, esse tipo de abordagem metodológica, além de nos permitir uma análise mais aprofundada das narrativas, também nos possibilita destacar os diferentes desafios e discursos relacionados às QCB. Podemos desvelar e interpretar as experiências compartilhadas pelas mulheres que foram entrevistadas. Com esse tipo de abordagem, é possível que tenhamos uma compreensão mais abrangente e contextualizada das vivências e narrativas experienciadas pelas mulheres Quebradeiras de coco babaçu.

Os procedimentos de análise contaram com as seguintes etapas:

- Registro do material coletado;
- Leitura de reconhecimento para identificação e localização de informações principais;
- Agrupamento e interpretação dos conceitos em desenvolvimentos, com base nos referenciais teóricos;
- Verificação dos dados obtidos a partir de diferentes fontes, para aumentar a confiabilidade da análise.

Quanto às questões éticas, a pesquisa respeitou todos os princípios éticos exigidos, tais como:

- Obtenção do consentimento livre e esclarecido das participantes antes da coleta de dados;
- Garantia do anonimato e da confidencialidade das informações;
- Respeito à privacidade e à dignidade das participantes, especialmente considerando sua posição social e cultural;
- Compromisso com o uso dos dados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, sem qualquer exposição indevida das participantes.

Para selecionar as mulheres Quebradeiras de coco babaçu, foram usados critérios como: idade, localidade (comunidades campesinas), estado civil, se eram mães solo, ou mulheres solteiras etc. Damos preferência às mulheres que residem em comunidades campesinas, porque era necessário adentrar a fundo nas vivências delas. Ressaltamos que durante o período de realização da pesquisa, realizamos várias visitas às comunidades que, geralmente, aconteciam aos finais de semana. Precisávamos conhecer como se constituem os saberes de “ir pro mato”, passamos o dia todo com elas, para aprender o que significa “caçar o coco” com elas. Durante o dia, também participamos de momentos como o “fazer caêira”, para conseguirmos acompanhá-las mais de perto. Dessa forma, optamos por não incluir as que residem na zona urbana.

Ao “ir pro mato”, corremos o risco de sermos picadas por animais peçonhentos, cair em algum buraco e machucar o pé, mão ou braços, como já ocorreu com algumas mulheres que fazem isso diariamente, principalmente no período chuvoso. Período em que há muita lama. Elas podem escorregar e se machucar. As chuvas fortes, com ventos e trovoadas também são rotina nesse período. Podem ocorrer lesões com o machado ou o cacete, cortando os dedos.

Contudo, pretendemos contribuir para a visibilização das mulheres Quebradeiras de coco babaçu e, de alguma forma tirá-las do silenciamento que ainda cerca essas mulheres que lutam e resistem a tudo, ao preconceito e aos obstáculos que lhes são impostos diariamente.

São muitos os benefícios que adquirimos ao trabalhar como temática das QCB, e como cada tema relacionado a elas e suas vivências, são fascinantes, podemos nos apaixonar, passando a ser militantes e defensoras/es das Quebradeiras de coco babaçu, dos seus saberes, vivências e narrativas. Todavia, o principal benefício é sabermos que estamos na luta com elas em busca dos seus direitos, inclusive ao direito a uma qualidade de vida melhor. Precisamos mostrar à sociedade que as mulheres Quebradeiras de coco babaçu são importantes. Trazê-las para a sala de aula, na universidade, e trabalhar no meio acadêmico com elas, faz com que elas não fiquem no “apagamento”, sejam vistas e lembradas, por conseguinte, valorizadas e respeitadas.

3 HISTÓRICO DAS QCB E O MOVIMENTO INTERESTADUAL DAS QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU (MIQCB)

As mulheres Quebradeiras de coco babaçu lutam pelo livre acesso aos babaçuais, assim como também contra os fazendeiros e latifundiários, que insistem em querer proibi-las de quebrar seu coco livremente. Desde a década de 1960 até os dias de hoje, elas vêm enfrentando muitos desafios, resistindo para sobreviver.

Em 1960, os conflitos se intensificaram com a Lei de Terras n. 2.979 de 17 de julho de 1969, esta ficou conhecida como Lei de Terras Sarney. Nesse período, as QCB eram privadas de entrar em propriedades, em localidades rurais privadas e dessa forma não conseguiam ter acesso ao coco babaçu e, por conseguinte não conseguiam quebrá-lo. De acordo com Araújo Júnior, Dmitruk, Moura (2014, p.146) o “Maranhão é o Estado que concentra a maior parte de palmeiras de babaçu do Brasil, porém essas áreas estão localizadas em propriedades privadas”. Assim, fica explícito os perigos e desafios que as QCB estão submetidas diariamente.

De acordo com Araújo Júnior, Dmitruk, Moura (2014, p.138) esta lei “garantiu aos fazendeiros condições de acúmulo das árvores afastando a moradia das Quebradeiras de coco babaçu das áreas de acesso às palmeiras”. Ou seja, com a aprovação desta lei, os fazendeiros intensificaram os desafios e obstáculos, aumentando ainda mais o sofrimento dessas mulheres.

Segundo Viana; Prieto (2020, p.41), “a partir da Lei de Terras do Maranhão de 1969, historicamente, vem se realizando permeada pelo conflito entre a lógica das Quebradeiras de coco babaçu, e sua ordem moral, e a lógica capitalista”. Melhor explicando: os fazendeiros representam a lógica capitalista, pois grandes proprietários de terra, foram beneficiados, e por conseguinte, houve o aumento do desmatamento, usam agrotóxicos nos rios e matas, provocam queimadas e, tudo isso em nome do lucro, do capital. Já as Quebradeiras de coco babaçu agem de forma consciente e respeitosa, conservam e preservam os babaçuais, permitindo assim a continuidade das futuras gerações e como também o seu ofício, pois para elas, quebrar coco é sim, uma profissão e digna, como qualquer uma outra.

Para Santos (2024, p. 11) a “década de 1990 é marcada pelo avanço das Quebradeiras de coco babaçu na luta contra os latifundiários e o acesso livre às

palmeiras”. Dessa forma, esta pesquisadora cita que apesar dos muitos desafios encontrados, as QCB conseguiram direitos e leis que passam a favorecê-las.

As Quebradeiras de Coco Babaçu e os seus saberes possuem uma conexão com a natureza e, isso vai para além das suas práticas. Estas mulheres também lutam por seus direitos, tentam romper dia após dia com o capitalismo, o machismo, e o preconceito. Os saberes ancestrais dessas mulheres são referências de conhecimento. Portanto, elas são agentes importantíssimas e que precisam urgentemente ocupar seu lugar na sociedade.

Para que as QCB tivessem mais acesso aos seus direitos, foi criado o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). Este movimento é visto por elas como um espaço de luta e resistência.

Em 1990, um grupo de mulheres se uniu para lutar por autonomia e qualidade de vida. Um dos principais objetivos do movimento está em proteger as florestas dos babaçuais. O MIQCB representa as mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu, nos estados do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins. Este movimento busca fortalecer a identidade dos povos tradicionais, garantir o direito à terra e o acesso aos babaçuais.

O MIQCB luta também pela garantia do direito ao território. O livre acesso aos babaçuais é fundamental para a existência das Quebradeiras de Coco Babaçu, para isso este movimento tem por finalidade fortalecer as políticas públicas que promovam autonomia e façam valer a Lei Babaçu Livre.

No MIQCB busca-se incentivar e fortalecer a conservação da sociobiodiversidade existente nas florestas de babaçuais, procurando dar qualidade de vida aos povos e comunidades tradicionais. Assim, com a força desse trabalho, estão conseguindo transformar a vida de muitas QCB e, para que elas adquiram alimento, renda e muitas das vezes, abrigo para sua família. Dessa forma, o MIQCB surgiu como uma organização, que visa representar os interesses sociais, econômicos e políticos das Quebradeiras de Coco Babaçu, possibilitando assim que estas mulheres sejam vistas e reconhecidas. O MIQCB é uma organização sem fins lucrativos, que se deu num processo em busca de iniciativas, no qual um dos principais objetivos é prevenir a devastação dos babaçuais. Por isso, resistência é a palavra que define as QCB e o movimento.

3.1 A IMPORTÂNCIA DA LEI DO BABAÇU LIVRE PARA AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

Atualmente existem três leis estaduais que reconhecem e protegem as atividades tradicionais das Quebradeiras de Coco Babaçu (QCB). Os estados são Maranhão, Piauí e Tocantins.

No Piauí, a Lei nº 7.888, de 9 de dezembro de 2022, reconhece oficialmente as atividades tradicionais de coleta e quebra do coco babaçu, bem como os produtos derivados deste fruto. Essa legislação garante o livre acesso das comunidades tradicionais aos babaçuais, tanto em áreas públicas quanto privadas, e proíbe a derrubada das palmeiras de coco babaçu. Essa conquista, fruto de anos de luta e mobilização do MIQCB, representa um marco importante para as QCB do estado, promovendo condições sustentáveis e dignas para as famílias que dependem dessa atividade para sua subsistência. Além disso, essa lei se destaca por valorizar os saberes tradicionais e os modos de vida das comunidades extrativistas, sendo fundamental para a promoção da justiça ambiental e social.

Já no Tocantins, a proteção aos babaçuais está prevista na Lei Estadual nº 1.959, de 2008, que assegura o livre acesso às palmeiras, proíbe sua derrubada e queima, bem como o uso de práticas prejudiciais, como o corte do cacho inteiro ou o uso de agrotóxicos. A legislação busca preservar a reprodução natural das palmeiras e a integridade dos biomas associados. Dessa forma, além de proteger o ambiente, a lei fortalece as comunidades tradicionais que dependem do babaçu, apoiando sua luta por direitos e reconhecimento.

No Maranhão, a lei se aplica a terras públicas, em apenas 12 municípios:

Lago do Junco (Lei nº 05/1997 e Lei nº 01/2002); Lago dos Rodrigues (Lei nº 32/1999); Esperantinópolis (Lei nº 255/1999); São Luís Gonzaga (Lei nº 319/2001; Imperatriz (Lei 1.084/2003); Lima Campos (Lei nº 466/2003); São José dos Basílios (Lei nº 52/2005); Cidelândia (Lei nº 01/2005); Pedreiras (Lei nº 1.137/2005); Amarante do Maranhão (Lei nº 227/2006); Vila Nova dos Martírios (Lei nº 106/2007) e São Pedro da Água Branca (Lei nº 0168/2012) (Junior, Dmitruk, Moura, 2014, p.142 apud Santos, 2024, p. 12).

Nessa direção, citamos também a Lei nº 12.378/24, de autoria do deputado estadual Carlos Lula (PSB). Ela já está em vigor e representa um importante marco na valorização das culturas tradicionais do estado. A nova legislação reconhece oficialmente os saberes das Quebradeiras de Coco Babaçu como Patrimônio Imaterial

do Maranhão, conferindo a esses conhecimentos o devido respeito e proteção legal. Esse reconhecimento reafirma a importância das práticas culturais, dos modos de vida e dos saberes ancestrais transmitidos de geração em geração por essas mulheres, que há décadas desempenham um papel fundamental na preservação ambiental, na economia extrativista e na resistência sociopolítica em diversas regiões maranhenses.

A lei também reforça o compromisso do Estado com a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, promovendo políticas públicas voltadas à valorização das comunidades tradicionais e à proteção da biodiversidade associada ao uso sustentável do babaçu. Trata-se, portanto, de um avanço significativo na luta pelos direitos das Quebradeiras de Coco, cuja sabedoria e trabalho coletivo são expressões vivas da identidade maranhense e da resistência popular.

De acordo com Santos (2024, p.12), “o município de Codó, apesar de ser rico em palmeiras e ter a forte presença das QCB, não possui uma lei referente às questões ambientais”. Com isso, percebemos a urgência e a importância de lutarmos ao lado delas, irmos em busca de políticas públicas que favoreçam as QCB, pois só estando ao lado delas e com elas nesta luta, iremos conseguir ajudá-las de alguma forma. Infelizmente, até o exato momento em que escrevemos este trabalho acadêmico, não há projetos de Lei para favorecê-las aqui nesse município. Também não temos a Lei do babaçu livre aprovada na cidade.

Araújo Júnior, Dmitruk, Moura, (2014, p.140), afirmam que o “Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu MIQCB é hoje um forte instrumento de mobilização das Quebradeiras de Coco”. Durante esses longos anos de luta, aconteceram três encontros, que fizeram com que o MIQCB adquirisse mais força e visibilidade. Em 1991, na cidade de São Luís aconteceu o primeiro encontro. Em 1993, ocorreu o segundo e, em 1995 houve o terceiro encontro. Momento este em que o movimento recebeu a atual denominação, ou seja, neste momento histórico, trabalhou-se como princípios a identidade, a luta pela visibilidade da profissão das QCB e pela garantia dos seus direitos.

Para o MIQCB e as Quebradeiras de Coco Babaçu, esta é uma lei que tem como potencial proteger cerca de 11 milhões de hectares de babaçuais. Esta é uma lei que foi criada a partir da luta das mulheres quebradeiras de coco babaçu. Com esta lei é possível ter o reconhecimento do direito do território pelas QCB e o dever de titularização coletiva pelo Estado. Assim, a Lei prevê:

- Proibição da derrubada de palmeiras (florestas de babaçu);
- Livre acesso das comunidades agroextrativistas aos babaçuais;
- Proibição do uso de agrotóxico, por qualquer forma de utilização;
- Proibição de queimadas dos babaçuais e do corte do cacho do coco inteiro, porque isso compromete a reprodução e a vida das palmeiras, além de comprometer as formas de utilização tradicional sustentável do coco;
- Proteção dos biomas da caatinga, cerrado e Amazônia contra as atividades predatórias;
- Regularização fundiária em toda área de abrangência das florestas de babaçu;
- Monitoramento e efetivação das Leis Babaçu Livre aprovadas nos municípios e estados.

No entanto, apesar das aprovações nos âmbitos municipais e estaduais, a fiscalização e a implementação ainda são desafiantes, tornando-se assim um obstáculo na garantia desses direitos. Por isso, é necessário e urgente que a revisão das leis já vigentes, exista de fato, é que o acesso das QCB aos babaçuais seja garantido de verdade. Ainda existem muitos casos em que elas não podem ir para o mato quebrar o coco e, pior ainda, são expulsas daquela localidade. Isso ocorre porque, durante a tramitação, algumas dessas leis foram alteradas, com a imposição de limites à presença das mulheres quebradeiras de coco nos babaçuais, a exemplo da exigência de autorização dos proprietários de terras privadas. Os fazendeiros se veem no direito de expulsá-las ou proibi-las de quebrar o coco babaçu.

De acordo com Porro; Menasche; Shiraishi Neto (2014, p. 294): “a principal bandeira de luta das Quebradeiras de Coco Babaçu, desde a década de 1980, é a Lei do Babaçu livre, em contraposição ao que designam como situação de “coco preso”, cercado pelo arame farpado do patrão pecuarista”. Ou seja, as QCB resistem diariamente para quebrar o coco em paz, como também para verem seus conhecimentos tradicionais respeitados, valorizados e, acima de tudo, para que possam viver com liberdade.

Portanto, esta lei visa aumentar a valorização das Quebradeiras de Coco Babaçu, o livre acesso aos babaçuais e o direito de viver em territórios livres, impedindo assim a sua destruição.

Sabemos que existem pessoas QCB (ou seja, homens e mulheres). Contudo, as Quebradeiras de coco babaçu, são em sua maioria, mulheres analfabetas, e infelizmente, esta realidade é cada vez mais alarmante. São meninas que desde muito cedo começam a quebrar coco. Algumas começam entre 6 e 8 anos de idade, pois ainda crianças, muitas delas precisam ajudar a sua mãe no sustento de casa.

Nesse sentido, faz-se necessário, que a educação esteja voltada para elas, de todas as maneiras e formas possíveis. Não conseguimos ver uma maneira de essas meninas, mulheres conseguirem ascender na vida, que não seja primeiramente e principalmente por meio da educação. Pela e com a educação, conseguirão deleitar-se em outras vivências, verão que a vida tem um lado bom, que não é só sofrimento, fome e pobreza.

Estas mulheres precisam, devem e necessitam estar inseridas nos contextos educacionais, pois merecem ter a oportunidade de viver e usufruir de uma vida digna, com os frutos que só a educação permitirá que elas colham. Para tal, é urgente suprir suas necessidades, para que tenham oportunidades de estudar e se formar. Muitas QCB, ainda não conheceram a escola, não frequentaram a sala de aula, ou seja, tem negado o seu direito básico e muito importante para elas, que é a educação.

Nesse sentido, ao aproximarmos os saberes e fazeres de Quebradeiras de coco da educação escolar e da formação docente, temos a possibilidade de promover discussões com temáticas ricas, contextualizadas e transdisciplinares. Para Lima (2024, p.10) “o resgate de saberes tradicionais, como os preservados e repassados pelas QCB, é fundamental em um contexto onde muito desses conhecimentos estão sendo gradualmente perdidos”, ou seja, é de suma importância que trabalhemos cada vez mais sobre as QCB. Para isso, “é fundamental que políticas públicas e iniciativas de apoio sejam implementadas para melhorar as condições de trabalho das Quebradeiras de coco” (Lima, 2024, p. 24), pois só assim irão diminuir as dificuldades e os vários desafios que permeiam suas vidas.

Outrossim, entendemos que “o babaçu desempenha um papel fundamental no contexto socioeconômico, sendo uma importante fonte de sustento para as comunidades rurais que vivem nas áreas onde ele ocorre” (Lima, 2024, p.17), ou seja, essas mulheres são também responsáveis por manter seus (as) filhos (as) alimentados (as), mesmo que para isso custe-lhes o não acesso à escola. Pois se elas tiverem que escolher entre estudar, ou quebrar coco para se sustentar, ou comprar alimentos para suas crianças, elas não pensam duas vezes, passam o dia no mato, quebrando coco, com fome, cansadas, para a noite ter o que dar de comer aos seus pequeninos.

Se estudar antes era um sonho, aos poucos, vai se tornando cada vez mais difícil de ser realizado. É que às vezes, para essas mulheres, na verdade, na maioria

das vezes, elas não têm nem sequer a chance de escolha. Para muitas, só existe uma única opção: quebrar coco. E assim, a educação, os estudos ficam para um segundo plano, para uma outra vez ou outra oportunidade, quem sabe até, para quando suas crianças crescerem, ficando somente nos sonhos.

No livro *A Educação como prática da Liberdade*, de Paulo Freire, temos: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (Freire, 1967, p.97). Para Freire, a educação liberta, através dela, podemos discutir temas, trabalhar sobre as vivências e narrativas das/os estudantes, mas é crucial que trabalhem com as QCB, para que assim sejam de fato, pessoas autônomas protagonistas de suas histórias, com uma educação voltada para a sua realidade, que não as exclua, que as inclua e valorize a sua existência, que possibilite a estas pessoas adquirir e desenvolver uma consciência crítica, para que elas conheçam e saibam lutar por seus direitos, que saibam analisar e compreender o mundo em que vivem, e continuem sonhando com um futuro melhor e mais digno para seus filhos e filhas.

4 MEMÓRIAS DA RESISTÊNCIA

Nesta seção apresentamos cinco “memórias da resistência” de mulheres QCB. Elas contam quais os desafios enfrentam; com qual idade começaram a quebrar o coco babaçu; o que sentem quando passam o dia num “adjunto de quebra de coco”; momentos em que vivenciam muitas emoções, confidenciam suas dores, alegrias e tristezas. Nesse dia do “adjunto de quebra de coco”, elas não só quebram o coco, mas relembram momentos bons e ruins, buscam na sua memória todos os desafios e benefícios que o coco babaçu já proporcionou a elas. Por isso, “Memórias da Resistência” é literalmente, o que retrata estas mulheres.

***“Na mata de Codó Maranhão,
Elci segue com firme paixão,
Entre palmeiras e folhas no chão,
Traz no olhar saber e união.***

***Com mãos de luta, firme a quebrar,
O coco babaçu a transformar,
Nos gestos seus, saberes ancestrais,
Resistência que não se desfaz.***

***Mulher guerreira, voz que ecoou,
No som do machado que retumbou,***

(Áurea Márcia Aguiar da Silva)

***Elci é história, força e razão,
Quebradeira de alma e coração”.***

Figura 2 – Dona Elci no adjunto da quebra do coco



Fonte: acervo pessoal da autora (2025).

Começamos por narrar as “memórias” de dona Elci, uma senhora de 61 anos, moradora da zona rural, no Projeto de Assentamento (PA) Monte Cristo, que fica aproximadamente uns 40 KM após o KM 17, em Codó/MA. Conheci ela em outubro de 2024, pois neste dia acompanhei um adjunto de quebra de coco no mato, momento em que realizamos as entrevistas com ela. Fomos de carro, ao chegar na localidade, deixamos o carro numa casa e, de lá seguimos a pé, “mato” adentro. Passamos o dia com as mulheres. Elas quebraram coco, falavam de suas tristezas e alegrias, relembravam o passado, davam gargalhadas. Assim o dia passou mais rápido. Na

hora do almoço, o marido dela veio deixar a comida. Ele colocou a comida numa trouxa de pano, dentro do cofo e levou na cabeça. Quando perguntei à dona Elci com quantos anos ela começou a quebrar coco, ela prontamente me respondeu que foi aproximadamente aos 8 anos e que aprendeu com a sua avó (pois ela não conheceu sua mãe). Ela partia o coco ao meio, e assim dava as “bandinhas” do coco para que ela pudesse tirar os caroços. Dona Elci é uma mulher alegre, de sorriso contagiante, animada em tudo que faz. Nesse período, ela estava estudando à noite, no EJA. Fazia o 3º ano do Ensino Fundamental, numa escolinha perto de sua casa.

Para Oliveira et al (2023 A, p. 16), as Quebradeiras de Coco Babaçu, “possuem saberes-fazer-sentires que precisam ser reconhecidos, explorados, potencializados, sobretudo, nos processos de alfabetização”, pois, essas mulheres são o que temos de mais belo e valioso no que se refere ao saber, e ao viver. Isso significa que:

antes dos saberes escolares formais, as Quebradeiras construíram conhecimentos através dos do corpo, da percepção, isto é, nas atividades diárias de “ir pro mato”, coletar o coco, escavar a caêra, fazer carvão, não sendo possível se despir desta bagagem ao adentrar os espaços escolares (Oliveira et al, 2023 A, p. 16).

É preciso que saibamos ouvi-las, que tenhamos empatia e que possamos respeitar os seus saberes ancestrais e as suas vivências.

Tive a felicidade de revê-la novamente no dia 29 de março de 2025, ela estava tão linda, alegre como sempre. Desta vez, era em outra localidade, na comunidade Belém (também fica no PA Monte Cristo). Contudo, é bem mais longe, com estradas ruins, buracos, lama, ou seja, é de difícil acesso. Toda cheia de felicidade, dona Elci me disse que conseguiu concluir o 3º ano. Quando perguntei a ela se ela iria continuar a estudar, ela me disse que sim, e que está muito feliz porque conseguiu trocar seus documentos. Ela assinou e escreveu o nome dela!! Ela narra este fato com tanto orgulho. Os olhinhos dela brilharam de contentamento e orgulho. Eu, por conseguinte, me senti também feliz em saber o quanto a EJA contribuiu na vida dessa senhora, o quão a EJA é necessária na vida dessas mulheres e da sociedade civil como um todo.

Nesse sentido, Brandão (2024, p. 44) afirma que “quando essas mulheres tiverem acesso à educação, poderão buscar melhores condições socioeconômicas e lutar por seus direitos, visando a estabilidade familiar e comunitária”, ou seja, a autora nos mostra que somente através do conhecimento e da escola é que conseguiremos

romper com as barreiras e obstáculos que o sistema nos impõe. Brandão (2024, p. 44) também enfatiza nos seus escritos que “essas mulheres já nascem como Quebradeiras de Coco Babaçu, carregando nas costas o preconceito na sociedade em relação à profissão”. Mais uma vez, a autora deixa explícito que para as mulheres a vida não é fácil.

***“Natalina, caminha ao romper do dia,
Na floresta encontra sua poesia,
Com o babaçu em sua companhia,
Trabalha com garra e sabedoria.***

***Em Codó-MA, se faz escutar,
A sua luta a nos inspirar,
Guardando os saberes ancestrais,
Que as Quebradeiras se mantêm vivas
demaís.***

***Sua fala é resistência,
Contra o esquecimento e a negligência,
Natalina é chama que não se apaga,
Mulher que na história deixa sua
marca”.***

(Áurea Márcia Aguiar da Silva)

Figura 3 – Natalina embarcando na canoa



Fonte: acervo pessoal da autora (2025).

Outra narrativa de “memórias” é a de Natalina Moreira (conhecida por Paula). Com 28 anos, possui o Ensino Médio completo, residente no Monte Cristo, é mãe, esposa, mulher negra linda, sorridente, brincalhona, trabalhadora e, que gosta de participar dos “adjunto de quebra de coco”. Para ela, esse é um momento alegre, divertido, onde ela pode palestrar, um momento de reunião, onde encontra suas colegas, conforme Figura 4.

Figura 4 – Adjunto de quebra de coco



Fonte: acervo pessoal da autora (2025).

Quebrar coco babaçu não significa apenas um trabalho, é também um momento de prosa com as amigas. Quando perguntamos qual a importância do coco babaçu, ela respondeu: “toda, porque o coco é tudo de bom, eu amo tudo no coco, porque eu posso fazer o carvão, tirar o azeite, posso vender e comprar minhas coisas”.

Algo muito relatado nas conversas sobre as dificuldades que encontram ao quebrar o coco, é a distância. Isso significa que os babaçuais estão ficando cada vez mais longe de suas casas. Este é também um dos motivos de elas saírem para quebrar o coco em companhia uma das outras, em grupo. Por ser longe de casa, pode se tornar também perigoso adentrar à mata sozinha. Para juntar o coco também é complicado. Por ser longe, se torna pesado demais, carregar nas costas, ou na cabeça, tem determinadas “veredas” que não cabem jumentos que possam carregar os “jacás” de coco. Então, a alternativa é carregar os sacos ou cofo de coco nas costas para quebrar em casa ou ir em grupo e quebrar o coco no mato e passar o dia lá trabalhando. Algo comovente nas narrativas, é a coragem e a resistência dessas mulheres. Elas são sinônimos de força e perseverança, pois elas passam por tantos desafios, tantos obstáculos, mesmo assim continuam seguindo firmes e fortes na luta.

As mulheres são deixadas à mercê das mazelas, são privadas de direitos e muitas sequer, conseguem terminar o Ensino Fundamental. Assim, “contudo, a transcendência de seus saberes originários encarnada de ancestralidade conduziu mulheres sábias de tradição oral ao campo da educação escolarizada” (Oliveira et al, 2023, p. 389 B), e continuam enfatizando que “Impulsionadas por muitos e diversos “desejos de viver”, elas almejam novas e outras escolhas profissionais que lhes permitiram continuarem compartilhando o que são, o que sabem, pensam e como

vivem” (Oliveira et al, 2023, p. 389 B). Portanto, é verídico, que muitas mulheres afrodescendentes, filhas e netas quebradeiras de coco babaçu, estão conseguindo ocupar outros lugares, estão conseguindo acessar um curso superior. Infelizmente, ainda com porcentagem pequena, mas aos poucos estamos chegando, mostrando para as meninas/mulheres que quebram coco, que existem outras possibilidades que elas podem ser, fazer, e outras realidades a conhecer.

No dia 29 de março de 2025, estivemos novamente no PA Monte Cristo, na localidade Belém, e fomos novamente acompanhar um “adjunto de quebra de coco” no mato. Porém, não sabíamos que iríamos ter que atravessar de canoa o Rio Codozinho (confesso que quase morri de medo), pois como não sabemos nadar. Ver aquele “mar d’água” nos assustou, ficamos apavoradas. No entanto, não deixamos o medo nos consumir, pois tínhamos ido para acompanhar aquelas mulheres. Se elas estavam indo, também tínhamos que ir. Mesmo com medo, fomos.

Para chegar ao babaçual, atravessamos o rio Codozinho, como citado, enfrentamos longas caminhadas, passamos por dentro de roças, veredas estreitas, e como tinha chovido uma noite antes, estava tudo muito liso e havia massapê também. O que dificultava andar, pois o barro grudava na chinela e ela ficava pesada. Passamos por um “carrasco” enorme, e só depois conseguimos chegar ao local. O canoeiro teve que fazer três viagens, levava um grupo de mulheres, depois voltava e buscava mais pessoas, e assim seguia, até todo mundo conseguir ser transportado. Havia umas senhorinhas que estavam morrendo de medo, assim como nós, que não sabiam nadar e tinha muito medo daquele mundaréu de água.

Neste “adjunto de quebra de coco”, havia nove mulheres e três homens, mas só um dos homens estava quebrando coco. Esta quebra de coco seria destinada para ajudar Dona Delma que, por sua vez, só pôde quebrar coco no turno vespertino, pois ficara responsável por trazer o almoço para as outras mulheres. Sendo assim, depois do almoço já eram 10 mulheres quebrando coco. O filho de dona Delma estava fazendo “caêira”. Ele passou o dia todo nesta tarefa. O esposo de dona Delma, vez ou outra, amolava o machado de uma, cortava cacete pra outra, foi pegar a comida lá na casa deles pra trazer para a mata. Esta quebra de coco foi realizada num local muito longe, porém, mesmo sendo cansativo, é algo prazeroso e de alegria também, pois como elas mesmo resumem “é uma reunião”, em que elas dão muito valor. Segundo elas (as QCB) no dia que não tem, ficam tristes.

Elas sentem falta quando não tem adjunto, quando passam muito tempo sem organizar um adjunto de quebra de coco no mato, ou em casa. Elas organizam mais adjuntos na mata, pelo fato de já aproveitarem o momento e lá mesmo já providenciar a “caêira”. Assim, as cascas são utilizadas para fazer o carvão, levando para casa somente as amêndoas do coco babaçu para fazer o azeite. A figura 5 ilustra o amontoado de cascas.

Figura 5 – Cascas amontoadas para fazer carvão



Fonte: acervo pessoal da autora (2025).

Dessa forma, evitam trazer cofos muito pesados para casa, pois como os babaçuais são muito longe, é muito difícil conseguir trazer cofo de coco ou saco de coco na cabeça.

Por volta de meio-dia, dona Delma, cheia de alegria, chegou com seu marido (ele, depois que transportou todas nós, voltou para casa, para trazer o almoço junto com ela). Na figura 6 é possível visualizar o momento do almoço.

Figura 6 – Almoço no adjunto



Fonte: acervo pessoal da autora (2025).

Muito arroz branco numa marmita de alumínio, galinha caipira, carne bovina assada na brasa, farinha de puba e feijão verde com quiabo e maxixe saciaram a nossa fome. Comemos sentadas em cima de uma palmeira caída, como se a fosse a última vez. A comida estava maravilhosa, uma delícia, ao mesmo tempo em que pensávamos: “coma mesmo, pois pode ser que seja a última vez, porque vai que a canoa vire na volta (risos internos)”.

Enquanto as QCB riam e apreciavam o momento, davam altas gargalhadas, outras mangavam da coleguinha (nós) porque estava comendo muito. Não sei o que foi pior, se foi o medo de atravessar o rio na canoa, ou a ideia de ela virar e morrermos afogadas (risos). Foi tensa nossa aventura. No primeiro momento, foi assustador, queríamos chorar, mas como sou adulta e uma mulher “forte” não podia fazer isso. Tivemos que nos conter e fingir que estava tudo bem, mas não estávamos confiantes e seguras, mas por dentro, o estômago estava revirando, com náuseas, o coração batendo aceleradíssimo e as pernas tremiam. Enfim, quase surtamos dentro daquela mata (risos), e ainda tinham os mosquitos (muruim) e muriçocas, mutucas, insetos que picam muito. A cada picada que eles davam, o corpo ficava empolado e logo estávamos nos coçando.

Para nós, este adjunto foi o melhor em todos os sentidos, porque literalmente, mais uma vez, vencemos um medo que não era pouco. Se nos perguntarem se valeu a pena, respondemos com todas as letras que SIM! Valeu e muito a pena, pois ali percebemos a beleza que tem e a força que as QCB possuem, mesmo com todos os obstáculos que enfrentaram para chegar até lá na mata. Elas não reclamaram de nada, mesmo os mosquitos sugando quase o todo o sangue delas (risos). Elas não reclamavam. Na volta para casa, aproximadamente, às 16:00 horas, elas riam pelas veredas, contavam histórias, falavam da vida e não deixavam o cansaço e a fadiga dominá-las.

A escritora Lélia Gonzalez (2020, p. 40), no Livro *Por um Feminismo AfroLatinoAmericano*, nos diz que:

no período que imediatamente se sucedeu à abolição, nos primeiros tempos de “cidadãos iguais perante a lei”, coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade. Foi o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família.

Com esta afirmação, podemos observar que a mulher sempre esteve em posição inferior, em relação aos homens. Assim, é evidente que com as mulheres quebradeiras de coco babaçu, não é diferente. Essas mulheres enfrentam uma dura rotina, quando vão para “o mato” em busca do coco para quebrar, enfrentam perigos como animais peçonhentos. Em dias chuvosos, enfrentam chuva e ventos. São muitos os desafios que elas têm de superar, mas ao chegar em casa, ainda tem de lidar com os afazeres de casa, lavar roupas, fazer comida, cuidar de filhos. Enfim, é uma jornada dupla ou tripla e, tudo isso em nome do bem-estar dos seus filhos e de sua família. Ainda de acordo com a escritora Gonzales (2020, p. 199):

a situação da mulher negra, hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira.

Para a escritora Chimamanda Ngozi Adichie, no Livro *Sejam todos feministas*, “a questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente” (Adichie, 2018, p. 28), pois “o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos” (Adichie, 2018, p. 36). Nesta perspectiva, uma mulher não deve ser desrespeitada, desvalorizada e muito menos inferiorizada por ser quem é. Elas têm direitos igualmente aos homens, mas infelizmente, a sociedade impõe mais deveres do que direitos. Por que é assim? porque temos que cozinhar, cuidar dos filhos sozinha, sustentar a família sozinha quando são mães solo, trabalhar mais e receber menos, por que somos condicionadas a mais tarefas domésticas do que os homens?

Apesar dessa triste realidade, uma coisa nos chamou a atenção na fala de uma QCB, quando ela disse que essa é uma vida só de alegria, já saindo da canoa, para irmos para casa. Com um sorriso no rosto, disse que foi ótimo, que foi bonito de mais o adjunto, que ali não pensou em nada de ruim, em tristeza, problemas, pobreza ou fome. Para ela, ali foi só diversão e alegria.

Para elas, o que conta é viver a vida, trabalhar e sorrir, mesmo que estejamos com problemas pessoais ou em casa. Devemos sorrir e ser alegres, porque assim a vida se torna mais leve e, por conseguinte, o fardo fica menos pesado. Foi uma experiência significativa e gratificante, enquanto pessoa, mulher, e pesquisadora

também, pois tivemos o privilégio de conhecê-las, passar o dia com elas, ouvi-las e assim, aprender muito. Com as vivências delas, participamos desta aventura com mulheres maravilhosas, guerreiras, destemidas e resilientes.

**“Joselita, filha da terra querida,
Na mata traçou sua própria vida,
Com o coco, achou sua guarida,
No ofício que tanto a fortalece e
dignifica.**

**As Quebradeiras de coco babaçu,
Sabem que nela há força e luz,
Em Codó/MA ela é raiz,
Que brota justiça e sonha feliz.**

**Traz na memória os saberes antigos,
De avós, de mães, e de tantos
abrigos,
Resistência é seu nome e bandeira,
Joselita é guerreira verdadeira”.**
(Áurea Márcia Aguiar da Silva)

Figura 7 – Joselita no adjunto da quebra do
coco



Fonte: acervo pessoal da autora 2025

Outra memória muito importante é a da senhora Joselita Santana de Moraes. Ela nos relatou que começou a quebrar coco ainda muito nova. Casou-se cedo com apenas 15 anos. Naquela época, ela ainda não trabalhava em serviços pesados. Ao casar-se, teve que aprender a trabalhar na roça, quebrar coco e assim fazer azeite para preparar sua comida e vender e, dessa forma, ajudar no sustento da casa. Hoje, ela ainda quebra coco para ajudar a comprar suas coisas, e assim, contribuir com as despesas da casa. Seu marido está desempregado. Com isso, ele faz “bico”, roça, “juquirá”, ajeita arame, é ajudante de pedreiro. Enfim, eles se viram como podem.

Joselita é uma mulher de 49 anos, mas que possui problemas de saúde que a impedem de estar nos babaçuais todos os dias. Para ter acesso ao coco babaçu, ela que mora no povoado Saco (município de Codó), precisa atravessar o rio Saco para pegar coco do outro lado do mato. No inverno, isso se torna mais complicado, pois o rio fica muito cheio. Então, ela nos disse que antes do rio encher, ainda nos meses de outubro e novembro, sua família começa a carregar os cocos para casa, juntando-os em montes de coco babaçu, para assim conseguir quebrar no inverno e não ficar sem azeite nem carvão.

Ela ainda ressalta que é durante a semana que mais lucra com a comercialização do azeite. Vende muitos litros e assim, consegue dinheiro para comprar alimentos ou até pagar um talão de luz. Dessa forma, fica explícito, que tanto a dona Joselita, quanto às demais QCB já citadas anteriormente, sempre estão em busca de contribuir com o bem-estar da família, conseguindo contribuir com as despesas da casa. Ter relativa independência financeira também é o que as motiva e não as deixa desistir.

As mulheres que sofrem com a violência de gênero todos os dias, que sofrem com o machismo, que não recebem salário justo e, isso quando possuem, também sofrem com o racismo. Todas as mulheres Quebradeiras de coco que conhecemos são mulheres negras. Os relatos são sempre os mesmos. Muitas sofrem com o preconceito por causa da cor de sua pele. Então imaginem só, se para as mulheres as coisas já não são tão boas, como deve ser a vida de uma mulher negra, Quebradeira de coco babaçu e que nunca frequentou uma escola. Com certeza, uma vida com vários direitos negados, regradas de desrespeito, violência, preconceito e pobreza.

Hoje, já aconteceram mudanças nas políticas e na lei, que são muito importantes para as mulheres negras. No livro *Professoras Afro Universitárias: artesãs de educação afrocentrada*, a escritora Raimunda Nonata da Silva Machado traz a seguinte afirmação: “as mulheres que subvertem essa ordem tradicional de divisão sexual, vivenciaram histórias de constantes exclusões e humilhações ostensivas, ao mesmo tempo em que realizaram profundos deslocamentos, conquistas e inovações” (Machado, 2023, p.57).

As mulheres conseguiram romper com vários padrões e regras. No entanto, ainda estamos longe de sermos livres de fato, de sermos valorizadas

profissionalmente e na ciência também, pois ainda somos consideradas como minoria, pois “esses marcadores (gênero e raça) são usados na definição das diferenças socioculturais, estigmatizando, violentando e excluindo subjetividades que se desviam do padrão universal e de supremacia masculina, heterossexual e branca” (Machado, 2023, p. 88). Com esta afirmação, propomos uma importante reflexão e que nos faz perceber claramente o que uma mulher passa diariamente.

**“Flávia na mata canta e trabalha,
Com o coco em mãos, nunca se
atrapalha,
Do babaçu extrai óleo, carvão e
extrai palha
Na resistência, ninguém a encalha.**

**Codó/MA é seu chão sagrado,
Onde o saber ancestral é guardado,
Nas Quebradeiras, ela é inspiração,
É luta, coragem, libertação.**

**Cada fruto rachado é um ato de fé,
Que mostra poder de quem luta de
pé,
Flávia é voz de um povo esquecido,
Que renasce forte, erguido, unido”.**

(Áurea Márcia Aguiar da Silva)

Figura 8 – Flávia quebrando coco



Fonte: acervo pessoal da autora 2025

Apresentamos as narrativas da dona Flávia Mesquita, 26 anos de idade, mãe de dois filhos, casada, mora na comunidade Lagoa dos Sales, possui Ensino Médio completo, mas até o momento não ingressou na universidade. Segundo ela, até já pensou em fazer uma faculdade, mas os obstáculos são maiores, pois para ela é complicado depois que se tem filhos. Morar num interior distante também dificulta muito.

Dona Flávia começou a quebrar coco muito cedo, desde os sete anos de idade. No início, quebrava coco para comprar coisas pessoais e ajudar no sustento de sua

casa, pois sua mãe teve 9 filhos (as). Ela sendo a mais velha, precisava contribuir no que fosse preciso. Depois de possuir família, não foi diferente a realidade, quebrava coco para contribuir com as despesas, comprar roupa e calçados para os filhos, ajudar o marido com as contas. Segundo ela, só não quebra coco todos os dias, porque seu filho de apenas dois anos não pode ficar sozinho e não pode levar ele para o mato. É uma criança bastante ativa e não permitiria que ela trabalhasse sossegada. Esta mulher, também é o reflexo que estamos abordando sobre as QCB: são mulheres fortes, aguerridas, que lutam todos os dias para conseguir sobreviver nesta sociedade machista, desigual e patriarcal. Essas mulheres são o verdadeiro significado de resistência e superação. São “fortes por natureza”, pois ou elas lutam e resistem ou deixam se abater e são “engolidas” pela pobreza, fome, desemprego, violência e pelas desigualdades sociais.

A escritora Walquíria Costa Pereira, nos diz o seguinte: “as mulheres afrodescendentes pertencem a um grupo social estigmatizado por um processo hegemônico que as colocam em desvantagem social e profissional” (Pereira, 2023, p.121). Pela afirmação, observamos o quanto que nós mulheres somos injustiçadas e desvalorizadas e ainda hoje silenciadas. Pelas leituras dos artigos científicos dessas escritoras, observamos que as mulheres, principalmente as mulheres afrodescendentes e Quebradeiras de coco babaçu, ainda tem muito o que conquistar, pois temos direitos negados pela sociedade, que muitas das vezes nos custam a vida.

Akotirene (2019, p. 63) no Livro *Interseccionalidade*, nos diz o seguinte: “como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos”. A escritora nos diz sobre o quão vulnerável está a mulher nesta sociedade machista, sexista e patriarcal. Ao se referir à mulher negra, esta continua sendo hostilizada, sofrendo preconceito, são marginalizadas e excluídas da sociedade. Isso nos faz pensar sobre as Quebradeiras de coco babaçu, já que elas são “invisíveis”, pois não se falam sobre elas, pouco se escrevem na academia sobre as suas vivências. Os governos agem como se elas não existissem e não fazem questão de contribuir para que tenham uma vida digna, confortável e segura.

	Nos babaçuais, sua identidade,
“Duíla se ergue com dignidade,	É resistência contra a desigualdade.
Mulher do mato, da liberdade,	

**Codó/MA a viu crescer,
Com as Quebradeiras aprendeu a
ser,
Guardou saberes ancestrais,
Feitos de lutas e gestos reais.**

**Do coco ela tira o sustento,
Mas também força e conhecimento,
Duíla é raiz de um povo forte,
Que enfrenta o mundo e muda sua
sorte”.**

(Áurea Márcia Aguiar da Silva)

Figura 9 – Duíla quebrando coco



Fonte: acervo pessoal da autora 2025

Outra QCB que não poderia ficar fora é a dona Maria de Sousa dos Santos, conhecida como Dona Duíla. Mãe de 4 filhas (os), casada, desde pequena quebra coco babaçu. Hoje, ela já está aposentada, porém isso não foi motivo para fazê-la parar de continuar exercendo esta atividade.

Esta Quebradeira de coco nos relata que antes quebrava coco para custear as despesas de casa e comprar alimentos. Ela ainda quebra porque não consegue deixar de realizar essa atividade, pois para ela é algo benéfico, ou seja, se ela deixar de quebrar coco até adoece. Dona Duíla gosta de quebrar coco, fazer azeite, fazer carvão para economizar o gás. Inclusive, ela não gosta de cozinhar no fogão a gás, somente no fogareiro, usando seu carvão de coco ou da casca do coco babaçu. Ela afirma o seguinte:

minha fia eu só paro de quebrar coco quando eu morrer. Às vezes, quando tô muito estressada, agoniada, pego meu cofo e meu machado, vou pra dentro do mato e lá fico a tarde todinha. Nem que seja só pra eu ficar sozinha, conversando com meus pensamentos, mesmo que eu não quebre 2 kg de coco, mas só de eu estar dentro do mato, conversando com minhas palmeiras ou escolhendo um coco bom pra quebrar, já vai ter valido a pena.

Isso significa para esta QCB, que quebrar coco, pode servir até de terapia, pois para além disso, estamos falando de uma forma de vida, de uma atividade que para umas é “um fardo”, e para outras é alegria, divertimento. E assim, conseguem, enfim,

descobrir, que a vida é boa e vale a pena ser vivida. Para Sousa (2023), saber quem somos, de onde viemos, é essencial para descobrirmos aonde queremos chegar ou quem queremos ser. No seu Livro *Pedagogia Ubuntuísta: formação inicial com afrodocência*, fica explícito a importância de buscar saber sobre nossas/os ancestrais, procurar estudar quem contribuiu para que chegássemos até aqui. Então, nesse sentido, sendo filha e neta de uma Quebradeira de coco babaçu, neta e filha de mulheres negras, carregamos o dever de narrar sobre elas, de revelar à sociedade quem são e, ter orgulho das nossas ancestrais. Assim, de acordo com Sousa (2023, p. 151):

A Travessia do SER, nos revelou que a cidade de Codó, onde é ofertado o curso de Pedagogia /UFMA (lôcus da pesquisa), possui uma ancestralidade africana, com uma população majoritariamente negra e que até hoje mantém fortes manifestações culturais e religiosas de matriz africana.

Em Codó, são muitos os descendentes de africanas/os escravizadas/os, que contribuem com a cultura, e que exercem muitas atividades oriundas dos povos africanos e povos originários, como por exemplo: quebrar coco babaçu. Prática sociocultural que precisa ser amplamente investigada pela Academia de modo a promover novos e outros debates curriculares que contemplem a Lei nº 10.639/03 e a Lei nº 11.645/08 nas escolas e na formação docente. Assim, por exemplo, no artigo *Quebradeira de Coco e Doutora? Sim, Senhora! O devir de uma professora para o ensino de Matemática*, de autoria de Oliveira et al (2023, p. 389), temos que:

por muito tempo, em nosso país, as pessoas Quebradeiras de coco foram alijadas do direito à educação e, com isso, foram impossibilitadas de conhecer, conviver e compartilhar suas histórias, por não serem considerados sujeitos epistêmicos, devido os marcadores de classe, raça e gênero imputados pelo processo do colonizador.

Oliveira et al (2023 A, p. 4) também afirma que “as Quebradeiras de Coco Babaçu, que existem em comunidades quilombolas no Maranhão, que ainda precisam ser investigadas para compreender seus processos de pensamento e seus modos de vida”. Ao considerar o seu contexto sociocultural, conseguiremos dar visibilidade a elas, mostrando sua atividade de forma significativa e fazendo com que sua tradição e sua ancestralidade sejam respeitadas. Ainda de acordo com Oliveira et al (2023 C, p. 1001):

as práticas socioculturais das Quebradeiras de Coco Babaçu revelam um modo de existir em meio aos desafios de sobrevivência fora dos grandes centros urbanos. As aprendizagens oriundas desse processo correspondem à diferentes formas de se relacionar com o espaço que habitam, socializam e preservam.

Assim, trazer essas vivências para a sala de aula, por meio da problematização crítica e da escuta ativa, é contribuir para um currículo mais plural e inclusivo, capaz de dialogar com a diversidade de realidades que compõem o tecido social brasileiro. Ao promover esse encontro entre o saber acadêmico e o saber popular, abrem-se possibilidades para a construção de uma educação que valorize a interculturalidade, a equidade e o respeito às diferentes formas de ser, viver e conhecer o mundo. Segundo Oliveira et al (2023 A, p. 15):

ao decodificar e dar significado aos conteúdos disciplinares das diversas áreas do conhecimento através de sua arte/trabalho e tradições, as Quebradeiras de Coco não apenas afirmam sua identidade e resistência, mas também buscam reivindicar sua voz e poder dentro de uma sociedade que historicamente as negligenciou e subjugou. Assim a preservação e a instrumentalização dos símbolos culturais tornam-se atos de empoderamento e resistência, permitindo que essas comunidades rompam com as correntes da opressão e afirmam sua presença e dignidade.

Para que isso aconteça, precisamos escrever sobre estas pessoas, trazendo ao mundo suas histórias. De acordo com Oliveira et al (2023 A, p. 15):

para as Quebradeiras de Coco, essa capacidade de interpretar/decodificar e preservar os símbolos culturais não é apenas uma questão de preservação da tradição, mas também uma ferramenta poderosa para desafiar e (r)esistir ao sistema opressor que as silenciam, marginalizam e, em muitos casos, as exterminam.

Estas palavras vem como uma “luz” que clareia nossa visão, pois acreditamos também na força dessas mulheres, confiamos em seus saberes, respeitamos a existência delas, valorizando todo o conhecimento que elas carregam consigo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 9 – Coco partido ao meio



“As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”.

(Chimamanda Ngozi Adichie, 2019).

Fonte: acervo pessoal da autora (2025).

A realização desta pesquisa permitiu esclarecer as múltiplas dimensões que envolvem os saberes e as vivências das Quebradeiras de Coco Babaçu (QCB), revelando a profundidade e a importância desses conhecimentos ancestrais na constituição de identidades individuais e coletivas. Ao resgatar e valorizar as experiências de vida dessas mulheres, não apenas como trabalhadoras, mas como portadoras de uma sabedoria tradicional enraizada em práticas sustentáveis e em redes de solidariedade, esta pesquisa assume também um papel político e pedagógico: o de romper com silenciamentos históricos e promover uma escuta atenta e respeitosa às vozes que por muito tempo foram marginalizadas.

Compreender o cotidiano das QCB é também um exercício de reconhecimento das diversas formas de resistência que permeiam suas trajetórias. As dificuldades enfrentadas por essas mulheres, que vão desde a invisibilidade social até a precarização das condições de trabalho, evidenciam a urgência de políticas públicas que respeitem e fortaleçam suas práticas e territórios. Nesse sentido, os saberes ancestrais das Quebradeiras de Coco Babaçu não devem ser vistos apenas como elementos do passado, mas como conhecimentos vivos, dinâmicos e em constante reinvenção, que desempenham papel crucial na formação de valores comunitários, ambientais e culturais.

Ao tornar visíveis as histórias de vida dessas mulheres e suas contribuições para a sociedade, a pesquisa buscou provocar reflexões mais amplas sobre a

importância de se compreender a cultura como um campo de disputa, onde diferentes narrativas competem por legitimidade e espaço. As QCB representam, nesse contexto, uma epistemologia própria, fundamentada na oralidade, na prática coletiva e na experiência sensível com o ambiente. Essa perspectiva é essencial para ampliar os horizontes da educação e da produção de conhecimento, desafiando os modelos eurocêntricos e patriarcais que ainda dominam os espaços acadêmicos e escolares.

Dessa forma, espera-se que esta pesquisa não se encerre em si mesma, mas que sirva de base para outras investigações e práticas pedagógicas comprometidas com a valorização de sujeitos historicamente invisibilizados. A continuidade deste trabalho exige o engajamento de pesquisadores, educadores, movimentos sociais e instituições públicas, de modo a fomentar políticas que garantam a permanência, a autonomia e o fortalecimento das Quebradeiras de Coco Babaçu em seus territórios.

Ao refletirmos sobre nossa questão de pesquisa: Como os saberes ancestrais de mulheres Quebradeiras de coco babaçu se configuram como práticas de resistência em seus territórios? compreendemos que os saberes ancestrais das Quebradeiras de coco babaçu se configuram como práticas de resistência em seus territórios por articularem conhecimentos tradicionais, preservação ambiental, identidade cultural e luta política em prol da autonomia das mulheres e da permanência nos seus modos de vida. São compartilhados oralmente de geração em geração, envolvendo o manejo sustentável do babaçu, o uso integral do coco e a convivência harmônica com a natureza, contrapondo-se à lógica do agronegócio, da monocultura e da devastação ambiental. Ao reivindicar o direito ao território por meio de leis como a do Babaçu Livre, essas mulheres resistem à expropriação de suas áreas tradicionais, enfrentando cercamentos e ameaças de grandes proprietários rurais.

Sua organização em movimentos sociais, como o MIQCB, fortalece o protagonismo feminino, promove a economia solidária e garante visibilidade política as suas pautas. Além disso, seus saberes constituem uma forma de educação e preservação da memória coletiva, afirmando valores de solidariedade, ancestralidade, justiça e sustentabilidade. Assim, a prática das quebradeiras de coco transcende a subsistência: ela representa uma ação política contínua de defesa da vida, da cultura e dos territórios tradicionais frente às múltiplas formas de opressão e apagamento histórico.

Por fim, ao reconhecer a importância das QCB para as comunidades onde atuam, reafirma-se a necessidade de criar espaços de escuta e diálogo que valorizem seus saberes, suas práticas e suas lutas. Que esta pesquisa possa contribuir, ainda que modestamente, para a construção de uma sociedade mais justa, onde a diversidade cultural e a memória ancestral não sejam apenas celebradas, mas efetivamente integradas às práticas sociais, educativas e políticas. O que está em jogo não é apenas a preservação de uma cultura, mas a valorização de um modo de vida que nos ensina a resistir, a cuidar e a transformar o mundo à nossa volta.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única / Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Julia Romeu. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejam Todos Feministas / Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Christina Baum. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Polém, 2019.

ARAÚJO JUNIOR, Miguel Etinger. DEMITRUK, Érika Juliana. MOURA, João Carlos da Cunha. A Lei do Babaçu Livre: uma estratégia para a regulamentação e a proteção da atividade das quebradeiras de coco no Estado do Maranhão. Sequência (Florianópolis), n.68, p.129-157, jun.2014.

BRANDÃO, Carmem Célia. Como Enganar a Fome com Caroço de Coco Babaçu? educação e ancestralidade para empoderar uma mulher quebradeira de coco babaçu em Codó/MA, 2024.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos / organização Flavia Rios, Márcia Lima. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JOSSO, M-Christine. A transformação de si a partir da narração de história de vida. Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

LIMA, Jayara. Educação Ambiental e Sustentabilidade com Quebradeiras de coco babaçu na comunidade Sardinha em Timbiras-MA / Jayara Lima. – 2024.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Raimunda Nonata da Silva (Organizadora). Professoras afrouniversitárias: artesãs de educação afrocentrada /– São Luís-MA: Viegas, 2023.

MARANHÃO. Lei Estadual nº 4734, de 18 junho de 1986. Governador do Maranhão, São Luís, 1986. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/ma/sala-de-imprensa/noticias-ma/mpf-discute-protacao-ambiental-e-producao-agroecologia-no-seminario-regional-babacu-livre-em-imperatriz-ma> acesso em 17/de fevereiro de 2025.

MARANHÃO. Lei Estadual nº 8.185, de 17 de novembro de 2004. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ma/lei-ordinaria-n-8185-2024-maranhao-asegura-o-livre-acesso-das-populacoes-extrativistas-do-babacu-as-terras-publicas-para-o-desenvolvimento-dessa-atividade-economica> acesso em 17/de fevereiro de 2025. Disponível em: [miqcb.org.br/](https://www.miqcb.org.br/) ou <https://www.miqcb.org> acesso em 17 de fevereiro de 2025.

MARANHÃO (Estado). Lei nº 12.378, de 24 de setembro de 2024. Reconhece como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Maranhão os saberes e práticas das quebradeiras de coco babaçu. Disponível em: site da Assembleia Legislativa do Maranhão. Acesso em: 21 jun. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva: Processo reconstrutivo de múltiplas faces. *Ciência & Educação*, v.12, n.1, p. 117-128, 2016.

MORAIS, J. de S. Epistemologia complexa e as compreensões narrativas do vivido na pesquisa (auto)biográfica. *Revista Diálogo Educacional*, v. 23, n. 78, p. 1133-1147, 2023. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.23.078.DS11>.

OLIVEIRA, K. A. de et al. A Produção de Carvão com Quebradeiras de Coco Babaçu: Alfabetização em comunidades quilombolas. *Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, Manaus, V. 19, n.33, e23001, jan./dez.2023 A.

OLIVEIRA, K. A. de et al. Quebradeira de coco e Doutora? Sim, Senhora! O devir de uma professora para o ensino de Matemática. **Cadernos de Pesquisa**. Periódicos eletrônicos da Ufma. v.30, n.3, jul./set.2023 B.

OLIVEIRA, K. A. de et al. Tirar azeite de coco babaçu: Educação matemática em comunidades quilombolas. **Bolema**: Boletim de Educação Matemática, v.37, n.77, p.997-1016, 2023 C.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Revista Práxis Educacional**. v.17, n.44, p.93-113, jan./mar.2021.

PEREIRA, Walquíria Costa. Na estrada das professoras afrouniversitárias: arqueologia de memórias. In: MACHADO, Raimunda Nonata da Silva (Organizadora). **Professoras afrouniversitárias: artesãs de educação afrocentrada**. São Luís-MA: Viegas, 2023, p. 109-195.

PORRO, N. M., MENASCHE, R., & SHIRAISHI NETO, J. Babaçu livre e queijo serrano; histórias de resistência à legalização da violação a conhecimentos tradicionais. **Horizontes Antropológicos**, 20 (41), p. 267-301, 2014.

SANTOS, Layla Monique Carneiro dos. Coco babaçu e sustentabilidade: visibilidade e relevância das Quebradeiras de Coco do bairro São Francisco, Codó-MA / Layla Monique Carneiro dos Santos. – 2024.

SOUSA, Soraia Lima Ribeiro de. Pedagogia ubuntuísta: formação inicial com afro docência / Soraia Lima Ribeiro de Sousa – Curitiba: CRV, 2023.

VIANA, Francisca Silva; PRIETO, Gustavo Francisco Teixeira. Camponesas rebeldes: Lutas, reprodução social e resistência das quebradeiras de coco babaçu no oeste do Maranhão. Rev. Mutirão Vol.1, No.03, 2020.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da Pesquisa: Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu na cidade de Codó/MA: Saberes Ancestrais de Luta e Resistência

Pesquisador(a): Áurea Márcia Aguiar da Silva **Instituição:** Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Curso de Pedagogia **Orientador(a):** Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira

1. Introdução Eu, Áurea Márcia Aguiar da Silva, residente em Rua Paraíba, Quadra A5 Casa 21, residencial da Trizidela, declaro que fui devidamente informada (o) sobre a pesquisa intitulada "Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu na cidade de Codó/MA: Saberes Ancestrais de Luta e Resistência", que será realizada pela pesquisadora Áurea Márcia Aguiar da Silva, sob a orientação da Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira.

2. Objetivo da Pesquisa O estudo tem como objetivo analisar os saberes ancestrais das mulheres quebradeiras de coco babaçu e suas práticas de luta e resistência frente aos desafios contemporâneos como o agronegócio e a exploração predatória.

3. Procedimentos e Participação Caso eu aceite participar, serei convidado(a) a responder entrevistas e permitir a realização de registros fotográficos e audiovisuais, caso eu autorize. A entrevista abordará temas relacionados ao trabalho como quebradeira de coco, saberes ancestrais, desafios e estratégias de resistência.

4. Riscos e Benefícios Os riscos são mínimos e envolvem possíveis desconfortos ao relatar experiências pessoais. Caso me sinta desconfortável, poderei interromper a entrevista a qualquer momento. Os benefícios incluem a valorização das práticas e saberes das quebradeiras de coco babaçu, contribuindo para sua visibilidade e reconhecimento social.

5. Confidencialidade e Uso das Informações Todas as informações coletadas serão mantidas em sigilo e utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos. Meus dados pessoais não serão divulgados sem minha autorização. Caso eu autorize, meu nome poderá ser citado na pesquisa.

6. Direito de Recusa e Retirada Minha participação é voluntária e poderei desistir a qualquer momento sem qualquer prejuízo para mim. Caso deseje retirar meu consentimento após a entrevista, poderei comunicar à pesquisadora.

7. Contato da Pesquisadora Caso eu tenha dúvidas sobre a pesquisa, poderei entrar em contato com a pesquisadora Áurea Márcia Aguiar da Silva pelo e-mail: aurea.marcia@discente.ufma.br.

Declaro que li e compreendi as informações acima e concordo em participar voluntariamente desta pesquisa.

Codó, _____ de _____ de 2025.

Assinatura do(a) Participante: _____

Assinatura da Pesquisadora: _____

APÊNDICE B - ROTEIRO DE COLETA DE DADOS

1. Identificação da Entrevistada

- Nome:
- Idade:
- Local de nascimento:
- Comunidade em que reside:
- Tempo de atuação como quebradeira de coco babaçu:
- Grau de escolaridade:
- Composição familiar:

2. Saber Ancestral e Transmissão de Conhecimentos

- Como você aprendeu a quebrar coco babaçu?
- Quem lhe ensinou essa prática e como foi esse aprendizado?
- Como ocorre a transmissão desse conhecimento entre as gerações?
- Você percebe mudanças na forma como esse saber é passado atualmente?
- Você acha que as novas gerações estão interessadas em continuar essa atividade?

3. Rotina de Trabalho e Organização Coletiva

- Como é um dia de trabalho seu no babaçual?
- Quais instrumentos você utiliza para quebrar o coco babaçu?
- Como você organiza sua jornada de trabalho?
- Você trabalha sozinha ou em grupo? Como é a dinâmica do trabalho coletivo?
- Existe alguma organização comunitária que apoia as quebradeiras de coco?

4. Desafios e Resistências

- Quais são os principais desafios que você enfrenta no seu trabalho?
- O agronegócio ou a exploração da terra têm impactado sua atividade? De que forma?
- Como você enxerga a luta das quebradeiras de coco por seus direitos?
- Você participa de algum movimento social ou organização de defesa das quebradeiras?

5. Relação com o Território e Identidade

- O que significa para você ser quebradeira de coco babaçu?
- Como você se identifica dentro da sua comunidade?
- O que você acha que a sociedade sabe sobre as quebradeiras de coco?
- Você sente que sua identidade é reconhecida e valorizada pela sociedade?

6. Impactos das Políticas Públicas

- Você conhece alguma política pública que beneficie as quebradeiras de coco?
- A "Lei Babaçu Livre" é respeitada na sua região? Como você percebe sua aplicação?
- Que tipo de apoio você acha que o governo deveria oferecer para melhorar as condições de trabalho das quebradeiras?

7. Expectativas para o Futuro

- Como você imagina o futuro das quebradeiras de coco babaçu?
- O que você espera para as próximas gerações de quebradeiras?
- Você acredita que a educação pode ajudar na luta das quebradeiras de coco? De que forma?

8. Considerações Finais

- Gostaria de acrescentar algo mais sobre sua experiência e vivência como quebradeira de coco babaçu?
 - Você tem alguma história que gostaria de compartilhar sobre sua trajetória na quebra do coco babaçu?
-

Observação Participante

- Registre a rotina das quebradeiras em um dia de trabalho no babaçual.
- Descreva as interações entre as quebradeiras e sua relação com o ambiente.
- Documente os desafios enfrentados no cotidiano da atividade.
- Registre observações sobre a infraestrutura e condições de trabalho.

Registro Fotográfico e Audiovisual

- Solicitar autorização para registros fotográficos ou audiovisuais, garantindo que os direitos das entrevistadas sejam respeitados.
- Capturar momentos que expressem a dinâmica do trabalho, as ferramentas utilizadas e a relação das quebradeiras com o babaçual.

Aspectos Éticos

- Garantir o consentimento livre e esclarecido das participantes antes das entrevistas e registros audiovisuais.
- Manter o anonimato das participantes que assim desejarem.
- Respeitar a cultura e as tradições das quebradeiras, assegurando uma abordagem sensível e respeitosa.

Este roteiro guiará a coleta de dados para garantir uma abordagem detalhada e respeitosa sobre os saberes, desafios e resistências das mulheres quebradeiras de coco babaçu na cidade de Codó/MA.